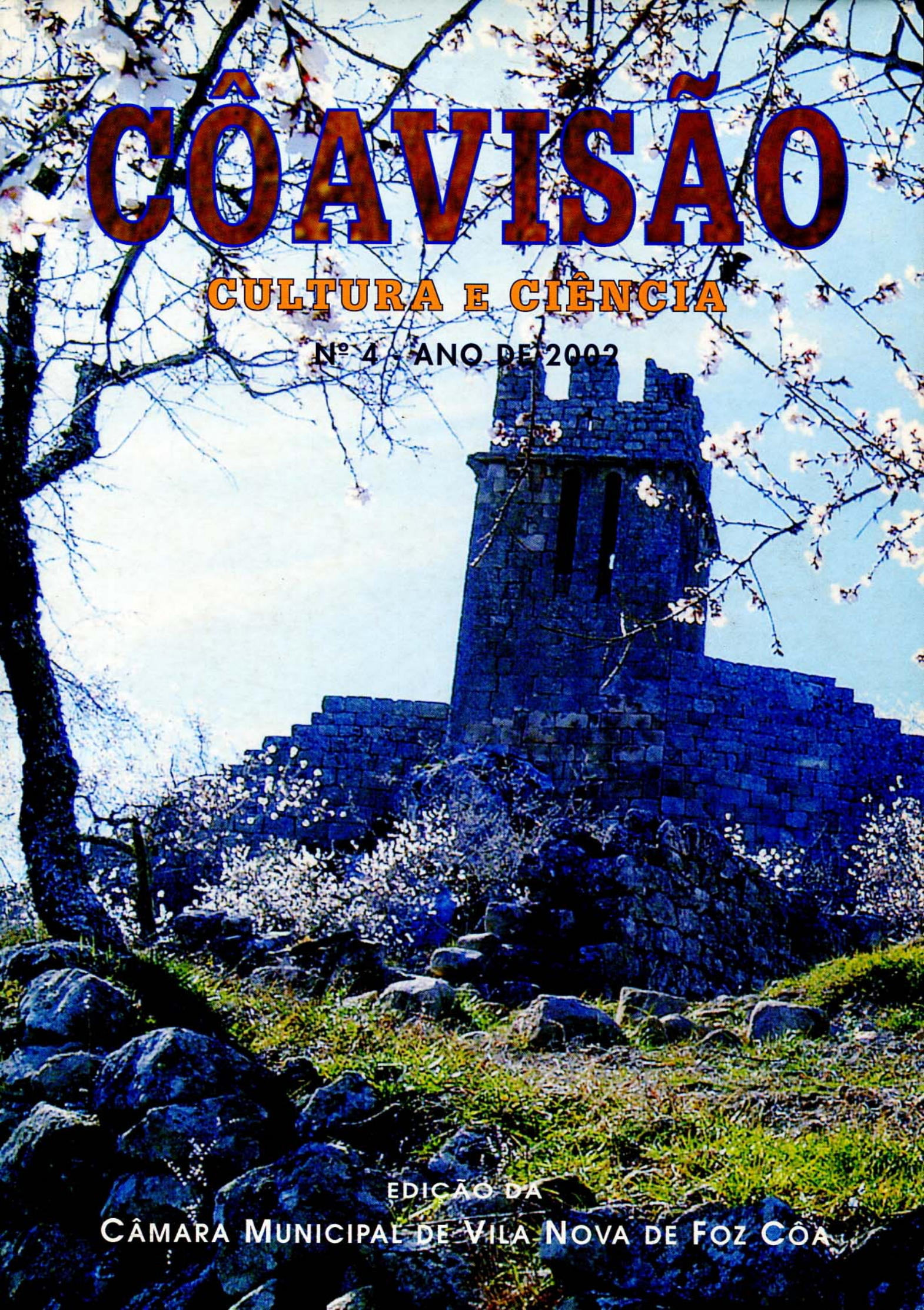


The background of the cover is a photograph of a stone tower, likely a church tower, with a crenellated top. The tower is made of dark, rough-hewn stone. In the foreground, there are dark, jagged rocks and patches of green grass. Branches of cherry blossom trees with white and pink flowers are visible in the upper left and right corners, framing the title. The sky is a pale blue.

CÔA VISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 4 - ANO DE 2002

EDICÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

Estação Pré-histórica do Prazo – Freixo de Numão – Estado Actual dos Conhecimentos

SÉRGIO MONTEIRO-RODRIGUES¹

1. INTRODUÇÃO

Entre 1997 e 2001 realizaram-se cinco campanhas de escavação arqueológica na estação pré-histórica do Prazo². Tais trabalhos incidiram em diferentes sectores, disseminados pela área da estação: sector XXIII, sector VII, sector I, abrigo 1 e abrigo 2 (Fig. 1). Os três primeiros são sítios de ar livre, localizados junto de grandes blocos graníticos (Monteiro-Rodrigues, 2000); os restantes dois consistem em pequenas cavidades, resultantes da sobreposição natural de blocos do mesmo tipo, onde cabem cerca de três a quatro pessoas.

As ocupações detectadas podem esquematizar-se da seguinte forma: no sector XXIII parece ter havido uma ocupação da Idade do Bronze; no sector VII os vestígios enquadram-se no Neolítico Antigo; no sector I observou-se uma importante sequência estratigráfica que engloba vestígios do Paleolítico Superior, do Epipaleolítico-Mesolítico e do Neolítico Antigo (Fig. 2); os abrigos 1 e 2 terão sido ocupados durante o Neolítico Final/Calcolítico (?), e mesmo em épocas posteriores.

Actualmente, os níveis melhor datados, quer por elementos da cultura material quer por datações absolutas, são os do Epipaleolítico-Mesolítico e os do Neolítico Antigo.

2. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA, ENQUADRAMENTO GEOMORFOLÓGICO E GEOLOGIA³

O sítio do Prazo localiza-se no Norte de Portugal, na região do Alto Douro. Em termos administrativos pertence à freguesia de Freixo de Numão, concelho de Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda. As coordenadas geográficas são as seguintes: 7° 14' 36" longitude W (Greenwich) 41° 04' 20" latitude N.

Do ponto de vista geomorfológico, o Prazo insere-se numa região caracterizada por relevo acidentado, pontualmente planáltica (região de Vila Nova de Foz Côa), integrada na Meseta Norte. Estas características do relevo resultaram de actividade tectónica e de acções erosivas, sobretudo relacionadas com o encaixe da rede hidrográfica do rio Douro (Silva *et alii*, 1989; *Id.*, 1991).

Em termos geológicos, localiza-se no Maciço Granítico de Freixo de Numão – formação de idade hercínica, intrusiva nos metassedimentos câmbrios do Grupo do Douro (Ribeiro, 2001).

Com uma altitude média na ordem de 560 m, este maciço apresenta uma superfície aplanada, sulcada por diversos vales, alguns deles com traçado condicionado por tectónica frágil tardi-varisca. A orientação destes vales coincide globalmente com o eixo das principais falhas da região (NNE-SSW), entre as quais se destaca a grande falha de Vilarça-Longroiva. As linhas de água que os percorrem são afluentes e subafluentes do Douro, que corre a 8 Km a norte do Prazo, no sentido E-W.

As áreas escavadas, tal como foi referido anteriormente (Monteiro-Rodrigues, 2000), implantam-se na vertente esquerda do vale da Ribeira de S. João, em pequenos patamares aplanados voltados a E e a SE, com cotas que rondam os 570 m. A oeste e a este do vale, a partir de altitudes de cerca de 580 a 550 m, desenvolvem-se planaltos na superfície do Maciço Granítico de Freixo de Numão, que poderão corresponder a retalhos mais ocidentais da Meseta, parcialmente conservados. Estes planaltos estendem-se para além dos limites geológicos do Maciço e apresentam um certo basculamento para oeste e este,

¹ Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP. s.monteiro-rodrigues@clix.pt

² A partir de 1998, estes trabalhos enquadraram-se no projecto EVASAFREN – Estudo e Valorização de Sítios Arqueológicos na Área de Freixo de Numão – apresentado ao IPA, e coordenado por Vítor Oliveira Jorge, Susana Oliveira Jorge, António Sá Coixão, João Muralha Cardoso, Leonor Sousa Pereira e Sérgio Monteiro-Rodrigues.

³ Agradece-se ao Dr. José Feliciano, do IGM (Porto), os comentários sobre a geomorfologia e a geologia da região.

respectivamente. O planalto do lado oeste termina junto da Ribeira da Teja, em terrenos câmbrios metassedimentares; o do lado este termina próximo do rebordo ocidental da falha de Vilariça-Longroiva, igualmente em contexto metassedimentar.

O vale da Ribeira de S. João, com início no sopé do Monte de Santa Eufémia, coincide com uma falha tectónica (falha de Murça) que condicionou a linha de água até à confluência com a Ribeira de Murça, mais a norte. Esta última, encaixa-se igualmente num vale profundo, desaguando no Douro.

No Monte de Santa Eufémia, ponto mais elevado do maciço granítico com 664 m, aflora o preenchimento filoniano de natureza quartzosa, instalado na falha de Murça, entre a Quinta dos Bons Ares e o Prazo. Este filão foi explorado no decurso de algumas das ocupações pré-históricas como fonte de matéria-prima para a produção de utensílios talhados. Durante a Idade do Bronze o monte terá sido ocupado, ou pelo menos frequentado regularmente, por grupos humanos (informação pessoal de A. Sá Coixão).

O Quaternário está representado no local por depósitos de vertente, de estrutura granular, resultante da meteorização do granito. As intervenções arqueológicas permitiram identificar uma formação residual areno-siltosa (truncada?), provavelmente de idade pleistocénica, seguida de uma sequência sedimentar arenosa, de idade holocénica. No sopé do Monte de Santa Eufémia os depósitos de vertente apresentam uma potência significativa, englobando grandes blocos de materiais quartzosos provenientes do desmantelamento do filão.

3. DADOS ACTUAIS

A estação do Prazo testemunha diferentes fases da presença humana no decurso de um longo período de tempo. No entanto, não é possível ainda determinar de forma segura se há *continuidades* ou *rupturas* ao nível destas ocupações. Trata-se de um problema em aberto, que se tentará resolver com o prosseguimento da investigação.

Relativamente ao “nível” do Paleolítico Superior – onde se identificaram artefactos talhados em quartzo e em sílex (Fig. 3) e diversas estruturas pétreas, algumas delas provavelmente de combustão (Fig. 4) –, não é possível para já enquadrá-lo culturalmente, nem determinar se engloba mais do que uma fase de ocupação. Tal situação deve-se à inexistência de matéria orgânica susceptível de ser datada e ao predomínio de utensilagem lítica atípica, sem paralelos regionais⁴. Neste momento sabe-se apenas que a génese do depósito onde estes vestígios se inserem é anterior a cerca de 9500 BP, uma vez que esta data foi obtida na camada estratigráfica que lhe está sobreposta (C5a).

Nos níveis do Epipaleolítico-Mesolítico – para os quais se dispõe actualmente de onze datações C14, que vão dos inícios do IX (ou pelo menos, dos meados do VIII) aos meados do VI mil. cal. a.C. – reconheceram-se várias lareiras, uma fossa e diversas estruturas em pedra com função indeterminada (Fig. 5). A indústria lítica que lhes está associada inclui sobretudo utensilagem microlítica, talhada em quartzo, em cristal de rocha, em quartzite e noutras rochas de origem local. A presença de micrólitos geométricos (trapézios) foi apenas documentada na camada 4a, posicionada imediatamente abaixo da segunda camada neolítica (C4).

A presença no Alto Douro português de níveis de ocupação datados desta fase da Pré-história não só constitui uma novidade à escala regional, como permite considerar a existência de um *Epipaleolítico-Mesolítico interior* que se poderá estender através da Meseta. Estes novos dados irão conduzir certamente à reapreciação de algumas datas “antigas” obtidas em contextos neolíticos (e posteriores) – quase sempre conectadas com paleossolos –, bem como possibilitarão a re-análise do processo de neolitização do interior peninsular. A hipótese da não existência de comunidades de caçadores-recolectores nesta vasta região, desde o fim do Paleolítico Superior até ao início do Neolítico Antigo, pode agora começar a ser posta em causa. Poder-se-á também questionar a validade dos modelos que explicam a neolitização da Bacia do Douro (e de outras regiões) como um fenómeno totalmente alóctone, numa perspectiva difusionista (por exemplo, Carvalho, 1999⁵; *Id.*, no prelo; Valera, 1998; Zilhão, 1993; *Id.* 2000)⁶.

Em relação aos níveis do Neolítico Antigo, datados de meados do VI a meados do IV mil. cal. a.C., e onde ocorrem cerâmicas ditas *epicardiais*, com decorações predominantemente incisas e impressas

⁴ De acordo com a bibliografia e com informações pessoais de Thierry Aubry, que agradecemos.

⁵ Embora o autor defenda um modelo de neolitização difusionista, sugere a hipótese de um prolongamento do povoamento humano na região até aos inícios do Holocénico (p. 63).

⁶ Na realidade, a crítica a estes dois aspectos foi já desenvolvida anteriormente. Veja-se, entre outros, Monteiro-Rodrigues, 2000 e, sobretudo, Jorge, 1999.

(Fig. 6) – genericamente enquadráveis no *Neolítico Inicial de Trás-os-Montes e Alto Douro*⁷ (Sanches, 1997; Carvalho, 1999) –, observou-se uma certa *continuidade* em relação ao último nível mesolítico, não obstante o aparecimento nesta fase de novos elementos da cultura material: a cerâmica, a pedra polida e alguns tipos específicos de utensílios de pedra talhada, por vezes produzidos a partir de rochas e minerais alóctones, principalmente sílex e opala (Fig. 7). Esta continuidade é visível sobretudo ao nível da utensilagem lítica (presença generalizada de uma indústria microlítica predominantemente não geométrica); ao nível de cadeias-operatórias de talhe (?); ao nível dos minerais e rochas utilizados na produção dos utensílios, fundamentalmente de origem local; e ao nível da organização do espaço e do tipo de estruturas.

Quanto às “novidades artefactuais”, elas não parecem traduzir mudanças significativas no modo de vida das populações neolíticas. Isto é, não sugerem *rupturas* do ponto de vista socio-económico que permitam aceitar de forma inequívoca a introdução de novas estratégias de subsistência, como a agricultura e a domesticação de gado. De facto, para o Prazo, não se dispõe até ao momento de qualquer prova directa da prática da agricultura, e em relação à domesticação de gado não é possível avaliar a importância da fauna doméstica face à fauna selvagem. Aparentemente, esta última, representada por *Sus scrofa*, *Cervus elaphus* e *Oryctolagus cuniculus*, parece ser mais frequente que a primeira, representada por *Ovis/Capra*⁸.

Por outro lado, não existem nestes níveis de ocupação indicadores claros de armazenamento. Os recipientes cerâmicos (em estudo) têm formas abertas e dimensões reduzidas. No fundo da fossa associada à camada 4 (Neolítico Antigo) encontraram-se restos de medronho que depois de datados foram relacionados com a camada mesolítica C4a. Deste modo, não foi possível determinar quais os produtos que nela eram guardados.

O recurso a alimentos de origem fluvial parece ter ocorrido, uma vez que se detectou uma pequena concha de bivalve⁹.

No que diz respeito à indústria lítica (em estudo), ela parece estar mais vocacionada para a caça do que propriamente para actividades relacionadas com uma economia de produção. Na realidade, o número de utensílios com suporte laminar e lamelar, normalmente relacionados com o corte de cereais, é reduzido. Por seu turno, aparecem núcleos para a produção de esquirolas, que seriam utilizadas como barbelas nas flechas, e alguns micrólitos geométricos que lembram pontas de seta de gume transversal. Muito embora estes surjam também em pequeno número, será necessário ter em conta que a maior parte ter-se-á perdido no decurso de caçadas.

No que se refere às estruturas exumadas (Fig. 8), é de sublinhar o seu carácter “precário” e “descartável”, típico das construções feitas por sociedades de caçadores-recolectores nómadas ou semi-nómadas. No Prazo não se encontram estruturas no sentido de “verdadeiras construções”, ao contrário do que acontece noutros habitats mais tardios, com indícios claros de prática da agricultura e de sedentarização. Encontram-se sim pequenos lajeados mais ou menos anexados aos grandes blocos graníticos que abundam no local, que terão servido de “infra-estrutura” a pequenas cabanas feitas essencialmente com materiais perecíveis. Consta-se assim o aproveitamento de “estruturas” naturais na definição do espaço habitado e não acções verdadeiramente construtoras, capazes de transformar a paisagem. De acordo com Alain Testart (informação pessoal), as estruturas pétreas dos níveis neolíticos desta estação parecem ainda mais simples do que algumas encontradas em sítios datados do Paleolítico.

Perante estes dados, ainda preliminares, parece ser fundamental a reformulação da noção de “Neolítico Antigo”. Conceitos como “economia de produção”, “domesticação”, “sedentarização”, entre outros, tradicionalmente conectados com esta fase da pré-história, deverão ser em princípio transpostos para períodos mais recentes (veja-se, por exemplo, Sherratt, 1981 e Harrison *et alii*, 1985).

Importa salientar, no entanto, que esta perspectiva não nega a prática da agricultura e da domesticação de animais durante o Neolítico Antigo. Pretende sim reavaliar o seu peso no quadro de um complexo sistema de subsistência que se denominou “economia de amplo espectro”.

⁷ Diz-se “genericamente” porque, na realidade, certos padrões e técnicas de decoração presentes no Buraco da Pala – Mirandela (Sanches, 1997) e em Quebradas – Vila Nova de Foz Côa (Carvalho, 1999) parecem não ocorrer no Prazo. O mesmo se verifica em relação ao sítio de Penedo da Penha, Canas de Senhorim (Valera, 1998), onde surgem, por exemplo, decorações penteadas, inexistentes no Prazo. Pelo contrário, encontram-se alguns paralelos na Quinta da Torrinha – Vila Nova de Foz Côa (Carvalho, 1999) e no Buraco da Moura de S. Romão – Seia (Valera, 1998), onde ocorre a típica “decoração em espinha”. Importará procurar perceber futuramente se por de trás destas diferenças estilísticas não estarão grupos humanos distintos, com diferentes estratégias de subsistência e, eventualmente, com origens diversas.

⁸ Estas espécies não foram ainda reconhecidas de forma inequívoca nos níveis neolíticos devido ao estado de conservação dos fragmentos osteológicos. O único fragmento atribuído com alguma segurança a *Ovis* ou *Capra* foi um dente (M1 ou M2 superior esquerdo, seg. Prof. Doutor J.L. Cardoso), que depois de datado forneceu uma datação dos finais do IV/inícios do III mil. cal. BC.

⁹ Trata-se de uma valva da família *Sphaeriidae*, género *Pisidium*. Agradece-se a sua classificação à Dr.^a Maria José Cunha, da FCUP.

Do ponto de vista do enquadramento arqueológico regional, os níveis neolíticos do Prazo encontram alguns paralelos com os da Quinta da Torrinha, no Vale do Côa (Carvalho, 1999) e com os de Buraco da Moura de S. Romão, na bacia interior do Mondego (Valera, 1998).

A ocupação considerada do Neolítico final/Calcolítico relaciona-se com os abrigos 1 e 2. Tratam-se de duas cavidades, formadas pela sobreposição natural de grandes “bolas” de granito, no interior das quais se acumularam reduzidas quantidades de sedimentos¹⁰. A sua escavação permitiu encontrar machados de pedra polida, fragmentos cerâmicos de um vaso de provisões (?) e de um pequeno vaso sub-esférico, duas contas de colar (uma em azeviche e outra em gesso), pontas de seta e alguns núcleos e lascas, em quartzo (Fig. 9).

A proposta cronológica avançada para estes locais baseou-se unicamente na tipologia das pontas de seta e das contas de colar, pelo que deve ser considerada meramente hipotética. Somente com trabalhos futuros se poderá proceder a uma melhor contextualização cronológico-cultural destes abrigos.

O nível considerado da Idade do Bronze, detectado no sector XXIII, encontra-se igualmente mal caracterizado uma vez que não forneceu qualquer elemento de diagnóstico que permita enquadrá-lo do ponto de vista cronológico-cultural. Assim, esta hipótese cronológica apoia-se numa datação C14 (c. de 700 cal. a.C.) obtida a partir de carvões recolhidos num buraco de poste, e no facto de estar confirmada uma ocupação deste período no Monte de Santa Eufémia, localizado a poucas centenas de metros a S do Prazo.

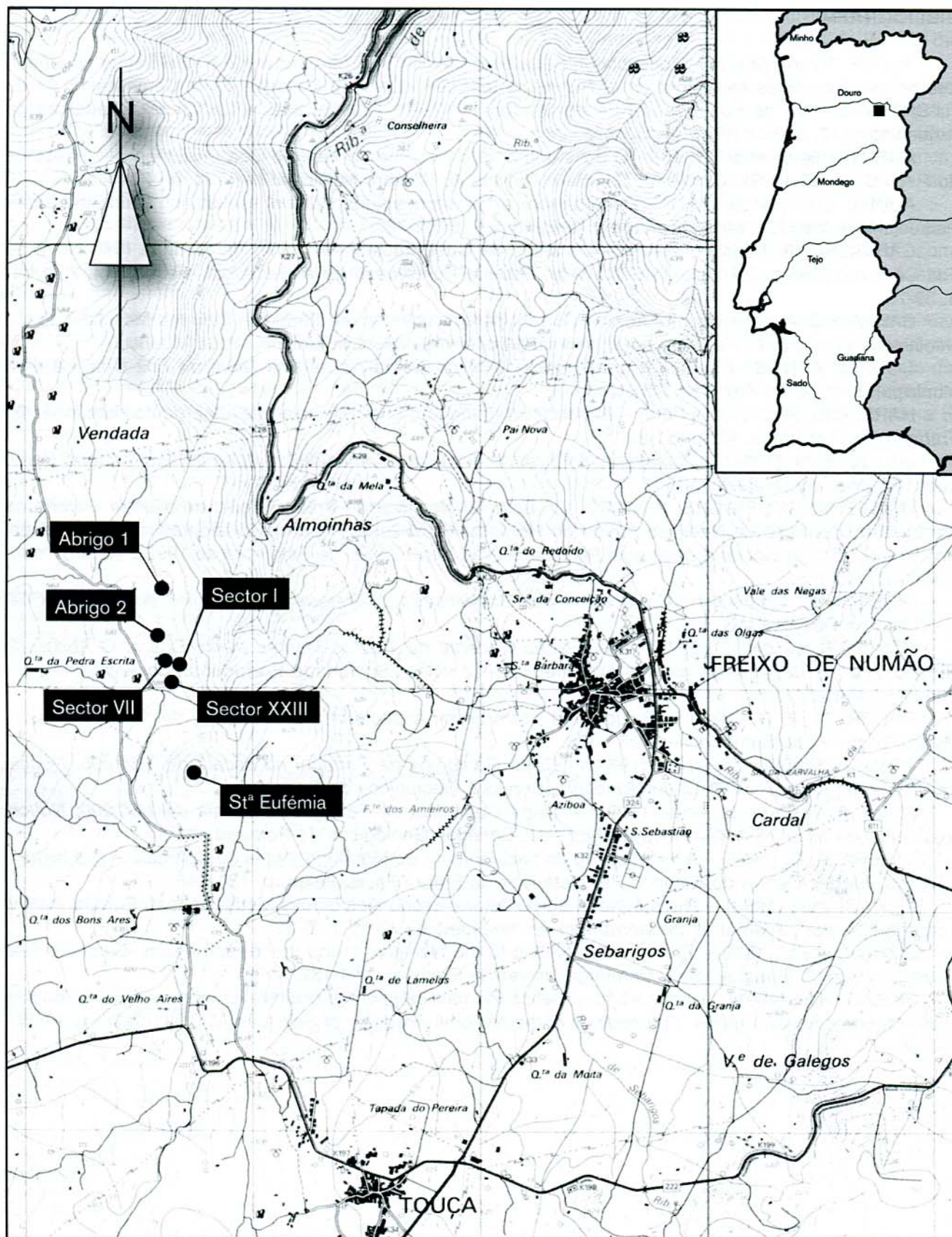
Independentemente da problemática da ruptura/continuidade acima referida, pode afirmar-se que os diferentes grupos humanos pré-históricos terão sido atraídos para a área do Prazo por um conjunto de factores de ordem natural, que ainda hoje são observáveis (e talvez por outros do domínio “simbólico”, não perceptíveis actualmente). Tais factores são apresentados de forma esquemática no quadro que se segue:

Relativa abundância de água no local (nascentes, ribeiros e rio Douro)	Relativa abundância de matéria-prima lítica	Construção de habitações “facilitada”	“Protecção”	Boa exposição ao sol/luz	Proximidade de eixos de circulação (materiais alógenos, p.e. sílex e opala)	Proximidade de locais favoráveis à recollecção, à caça, ao pastoreio (?) e à agricultura (?)
↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
Água para consumo	Quartzo e outros minerais de filão (St. ^a Eufémia)	Aproveitamento dos afloramentos graníticos como “infraestrutura”	Habitat “camuflado” por entre os afloramentos	Patamares de meia encosta voltados a Nascente/Sul	Ligação entre interior montanhoso e o Vale do Douro	Planalto acima das áreas com ocupação
Locais de concentração de caça	Seixos rolados (Rib. ^a da Teja e rio Douro)	Aproveitamento dos abrigos naturais	Visibilidade de amplas áreas a partir do alto de afloramentos	Protecção dos ventos do Norte	Vale do Douro: ligação entre litoral e o interior da Meseta (?)	Zonas de encosta
Locais para Pesca	Granito (moinhos manuais) (Prazo)	Aproveitamento de blocos de granito para a construção de cabanas				Zonas de vale
Recolha de moluscos	Hematite para corante (?) (rio Douro)					Zonas elevadas
Concentração de vegetação selvagem recolectável	Argila (?) (cerâmica)					

¹⁰ Os dois abrigos apresentam uma acentuada inclinação da base rochosa no sentido do exterior, o que terá facilitado a acção da erosão sobre os vestígios de ocupação.

BIBLIOGRAFIA

- AUBRY, Thierry (2001) – L'occupation de la basse vallée du Côa pendant le Paléolithique supérieur, *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique*, Actes du Colloque de la Commission VII de l'UISPP (Vila Nova de Foz Côa, 22-24 de Outubro de 1998), Zilhão, João *et alii* (eds), Trabalhos de Arqueologia, 17, Lisboa (IPA), p. 253-273.
- AUBRY, Thierry *et alii* (1998) – O povoamento pré-histórico no Vale do Côa – Síntese dos trabalhos do P.A.V.C. (1995-1997), *Côavisão. Cultura e Ciência*, 0, Câmara Municipal de V. N. de Foz Côa.
- AUBRY, Thierry *et alii* (2001) – Open-air rock-art, territories and modes of exploitation during the Upper Palaeolithic in the Côa Valley (Portugal), *Antiquity*, 76, p. 62-76.
- CARVALHO, A. Faustino (1999) – Os sítios de Quebradas e de Quinta da Torrinha (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico Antigo do Baixo Côa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, vol. 2, n.º 1, p. 39-70.
- CARVALHO, A. Faustino (no prelo) – Current perspectives on the transition from the Mesolithic to the Neolithic in Portugal, *El Paisatge en el Neolític Mediterrani*, València: Universitat de València.
- COIXÃO, A. N. Sá (2000) – *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*, Câmara Municipal de V. N. de Foz Côa, 2.ª edição.
- HARRISON, R. J. *et alii* (1985) – El policultivo ganadero o la revolución de los productos secundários, *Trabajos de Prehistoria*, 42, p. 51-82.
- JORGE, S. O. (1999) – *Domesticar a Terra. As Primeiras Comunidades Agrárias em Território Português*, Gradiva, col. Trajectos, 45.
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2000) – A Estação Neolítica do Prazo (Freixo de Numão – Norte de Portugal) no contexto do Neolítico Antigo do Noroeste Peninsular. Algumas considerações preliminares, *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular* (Vila Real, 22-26 de Setembro de 1999), Vol. III, Porto, ADECAP, 149-168.
- RIBEIRO, M. L. (2001) – *Carta Geológica Simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa*, V. N. de Foz Côa, P.A.V.C..
- SANCHES, M. de J. (1997) – *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no Contexto Regional* (2 vols.), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto.
- SHERRATT, A. G. (1981) – Plough and pastoralism: aspects of the secondary products revolution, *Pattern of the Past*, Cambridge, p. 261-306.
- SILVA, A. Ferreira da, *et alii* (1989) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da folha 11-C Torre de Moncorvo*, Serviços Geológicos de Portugal.
- SILVA, A. Ferreira da, *et alii* (1991) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da folha 15-A Vila Nova de Foz Côa*, Serviços Geológicos de Portugal.
- VALERA, A. C. (1998) – A neolitização da bacia inferior do Mondego, *Actas do Colóquio A Pré-história na Beira Interior*, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, 6, Viseu, p. 131-148.
- ZILHÃO, João (1993) – The spread of agro-pastoral economies across Mediterranean Europe: A view from the Farwest, *Journal of Mediterranean Archaeology*, 6, Vol. 1, p. 5-63.
- ZILHÃO, João (2000) – From the Mesolithic to the Neolithic in the Iberian peninsula, *Europe's First Farmers*, Price, T. Douglas (Ed.), Cambridge University Press, p. 144-182.
- ZILHÃO, João (2001) – Radiocarbon evidence for maritime pioneer colonization at the origins of farming in west Mediterranean Europe, *Proceedings of the National Academy of Sciences*, Vol. 98, n.º 24, p. 14180-14185.



Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000, folha nº 140 (Touça)

Fig. 1 – Localização da Estação Pré-histórica do Prazo (Freixo de Numão)

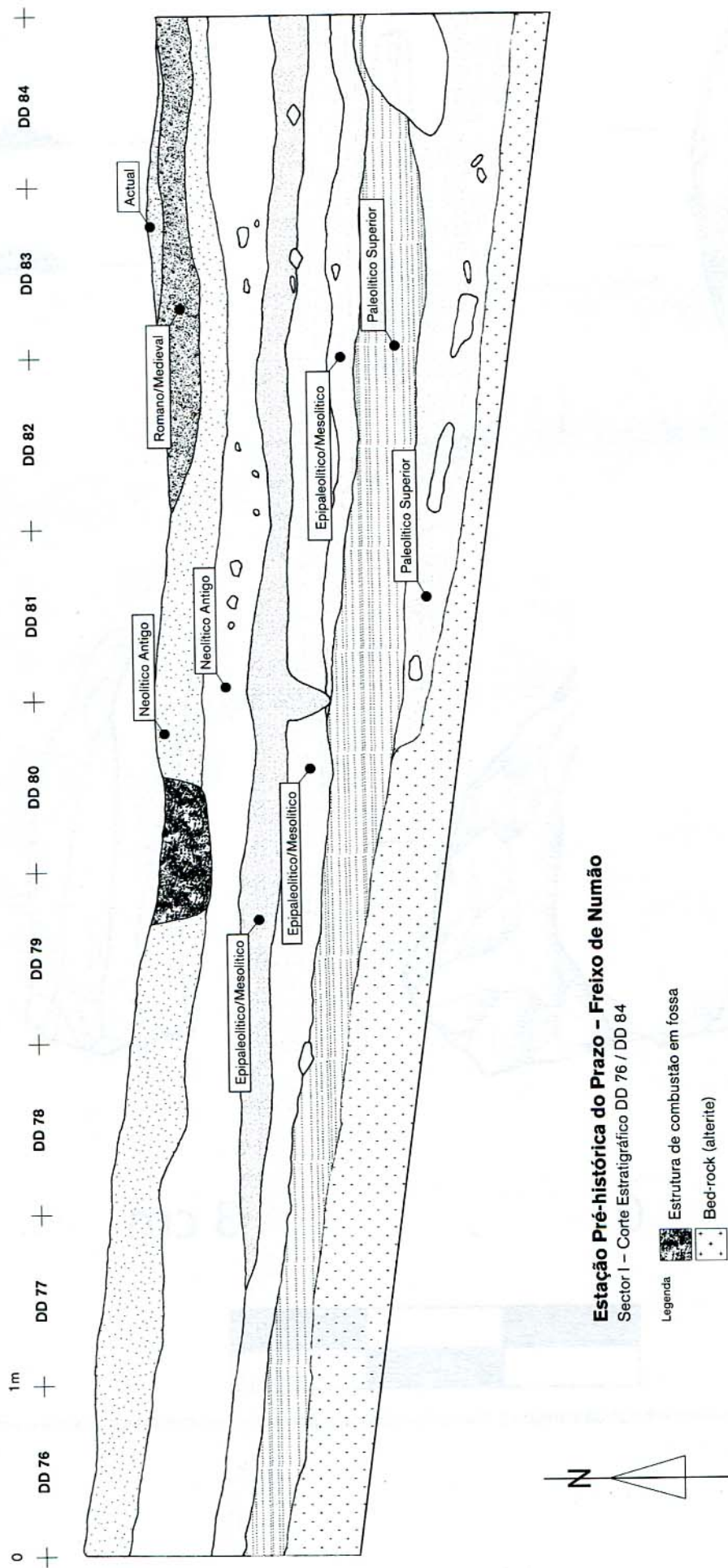


Fig. 2 – Corte estratigráfico do sector I

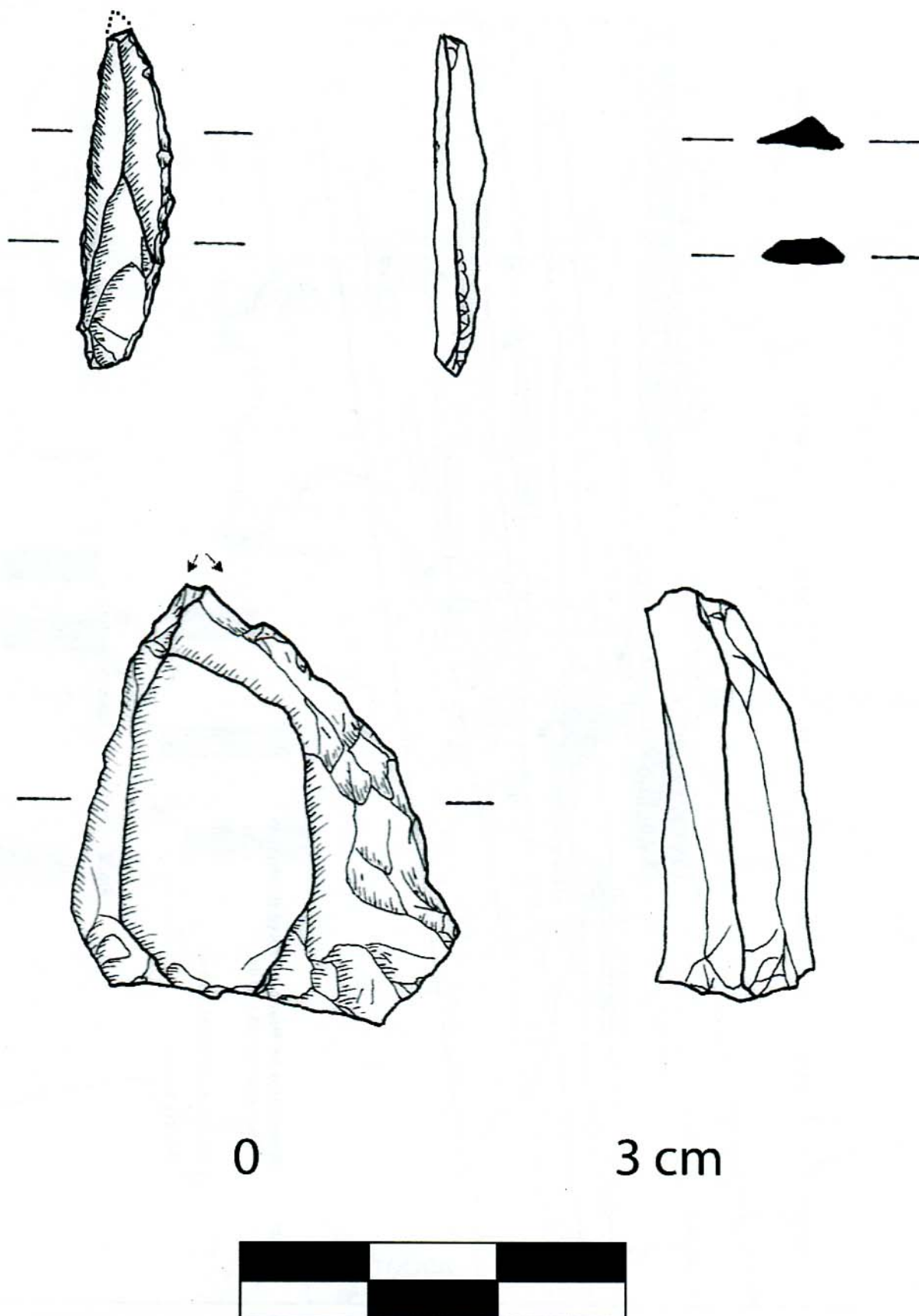


Fig. 3 – Material lítico talhado da camada 6 (Paleolítico Suprior): ponta com retoque marginal e buril, em sílex

Fig. 5 – Sector I: estruturas associadas à camada 4a (Epipaleolítico/Mesolítico)

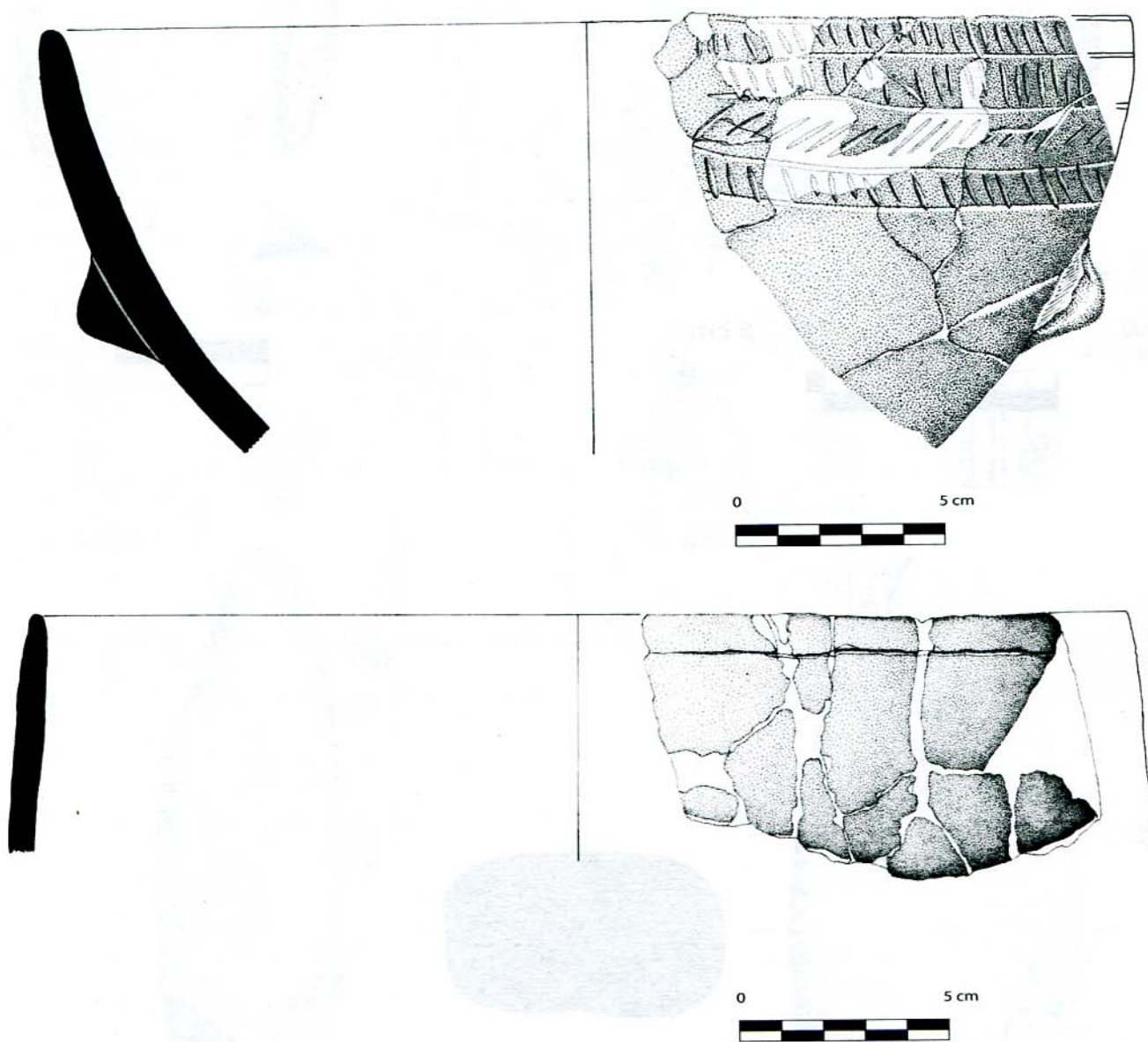


Fig. 6 – Recipientes cerâmicos provenientes do sector I, camada 4 (Neolítico Antigo)

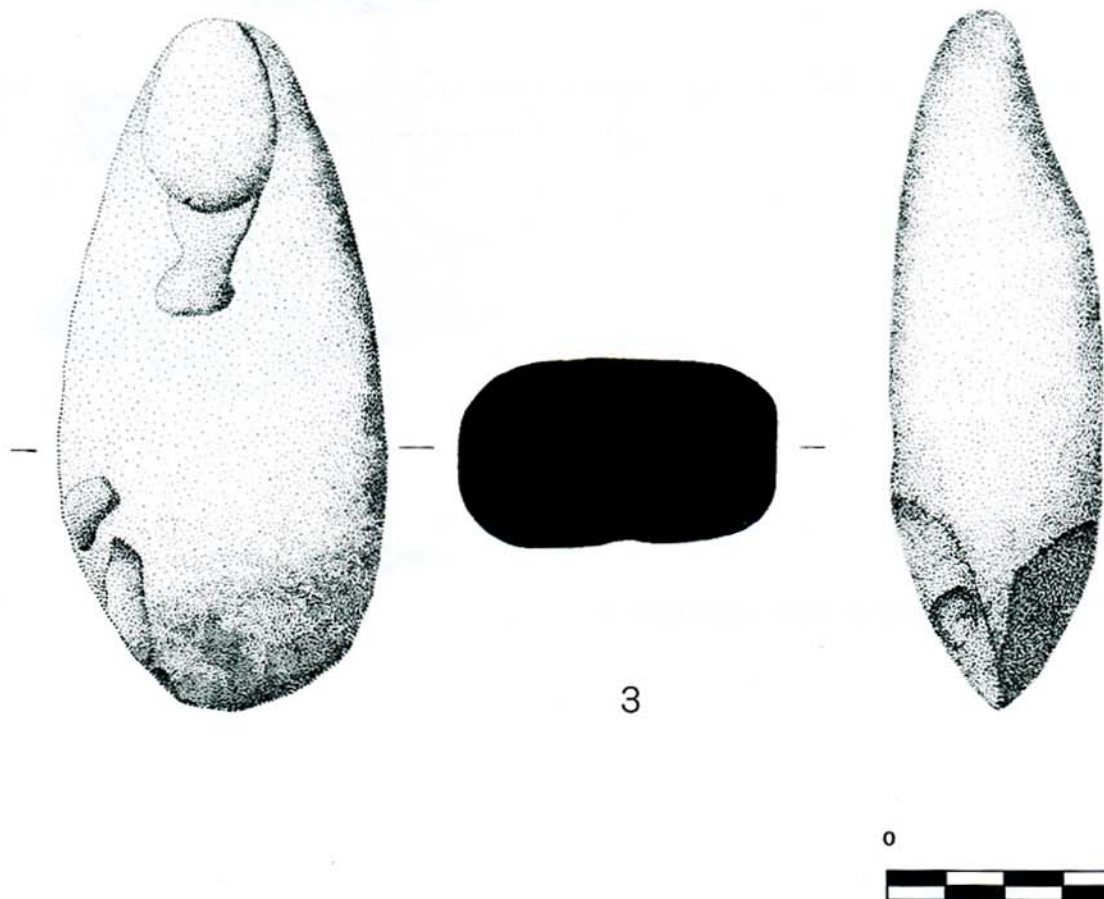
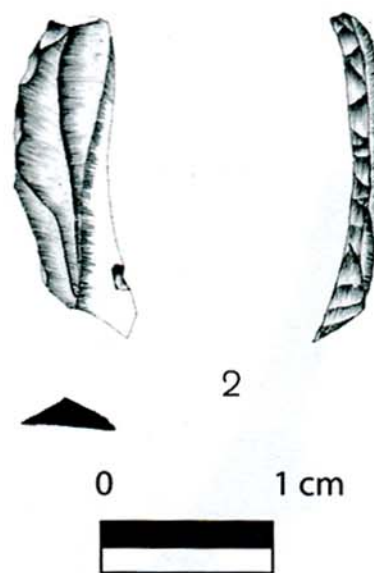
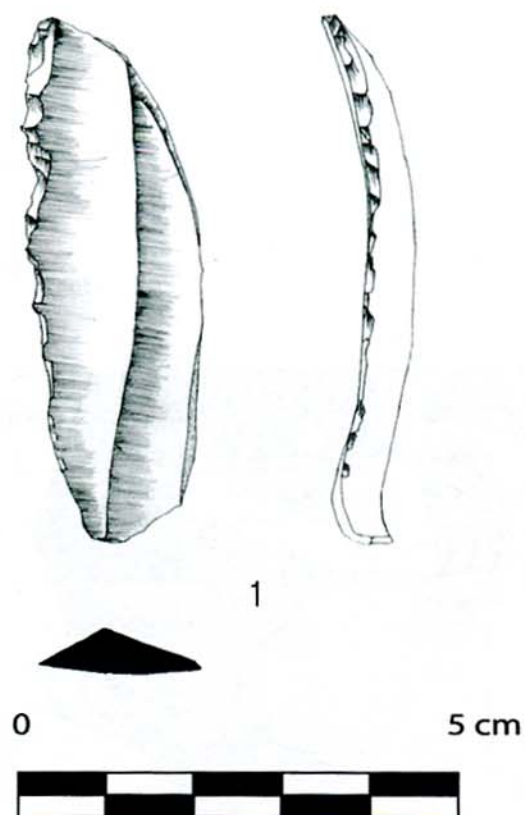


Fig. 7 – Material lítico talhado e polido do sector I, camada 4 (Neolítico Antigo): 1. Lâmina em sílex; 2. Crescente em sílex; 3. Machado polido em anfibolito

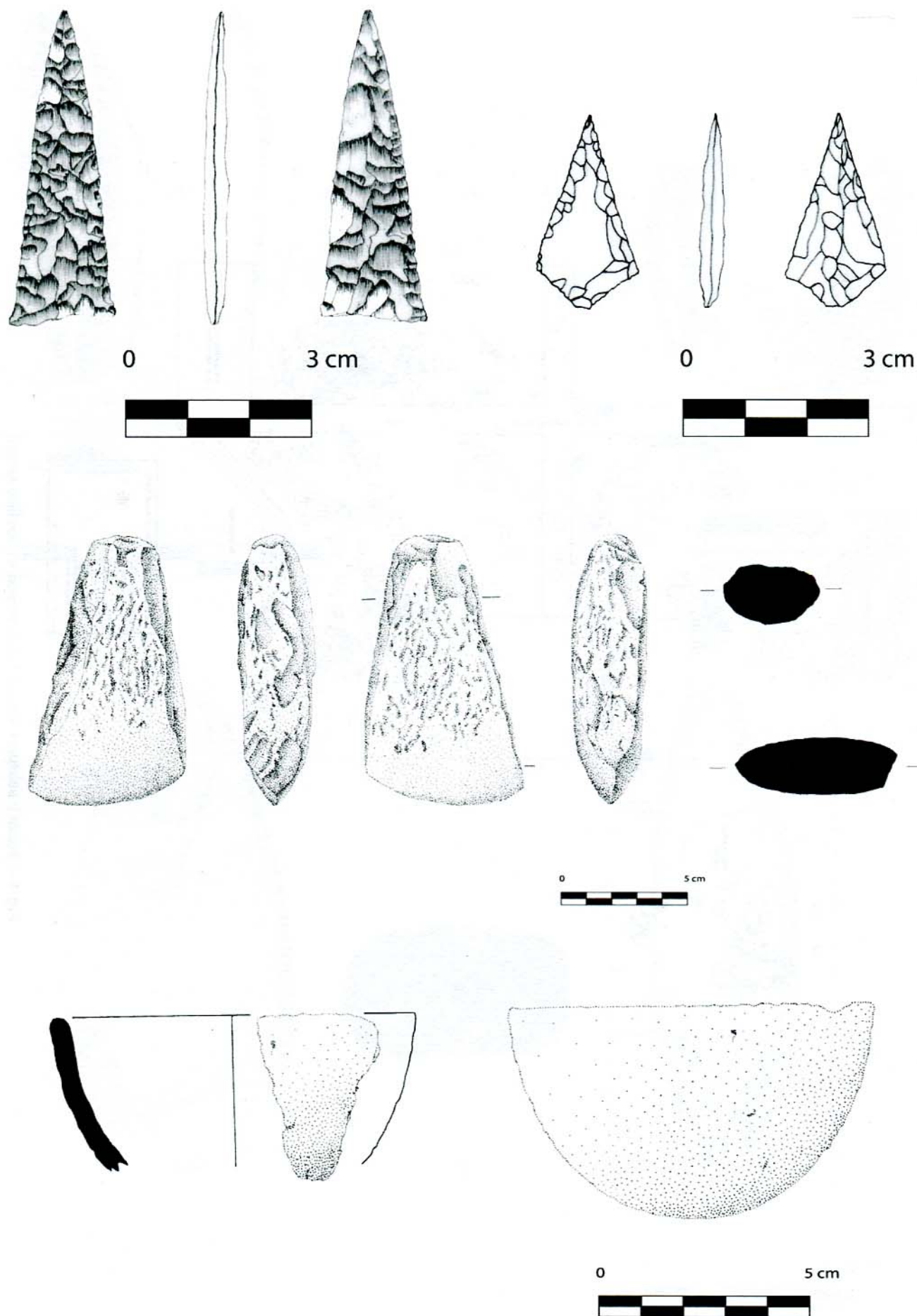


Fig. 9 – Materiais recolhidos nos abrigos 1 e 2